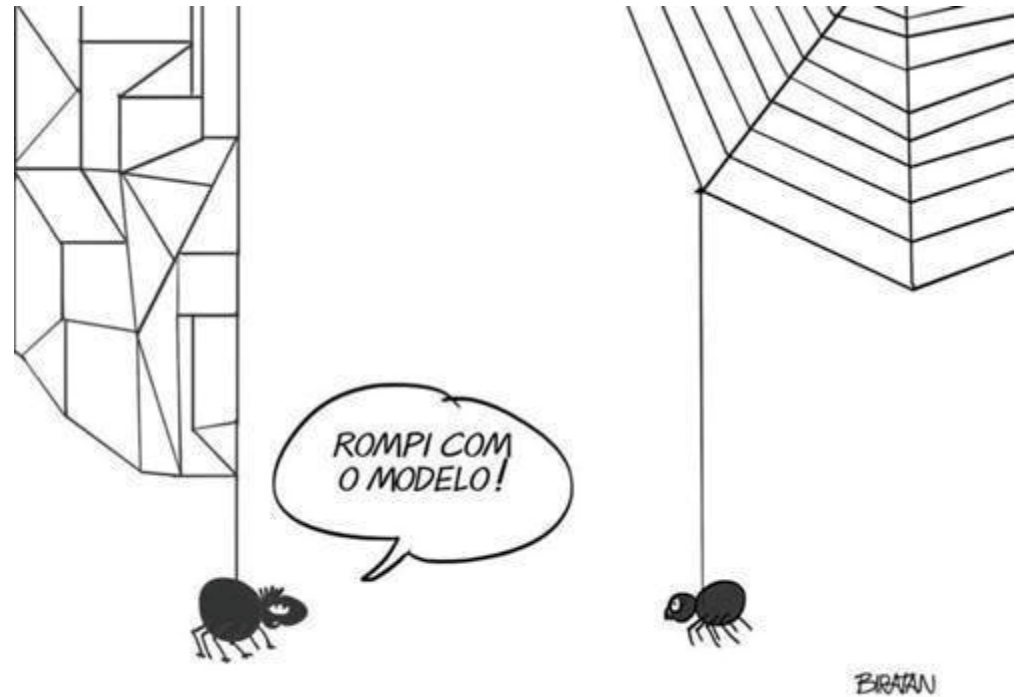


Para que serve Deus?

O problema do sofrimento

“... pois nos parece que se muita coisa tem sentido disso não decorre que tudo tenha sentido, *e sempre restará algo de irracional na dor e no mal.*”

Paulo Roberto Gomes



Duas perspectivas:

- A visão do sujeito sofredor (primeira aula)
- A visão "do outro sofredor": como encaramos frente o sofrimento pessoal e coletivo do(s) outro(s) (segunda aula)

“sinto-me tão distante do verdadeiro sentimento daquilo que falo que nada mais posso fazer senão suplicar piedade e ansiar por ela tanto quanto me seja possível”
Walter Hilton

Nas palavras de C.S. Lewis (1940):

“...jamais fui suficientemente tolo para me considerar qualificado, tampouco tenho algo a oferecer... exceto a convicção de que, *diante da necessidade de suportar o sofrimento, um pouco de coragem contribui mais que muito conhecimento, um pouco de empatia humana ajuda mais que muita coragem e o mínimo matiz do amor de Deus vale mais que tudo isso.*”



Antes de começar, uma primeira conclusão...

“Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim” vs. 16

- O que falar daqueles que sofrem e morrem vítimas da violência, da fome e da exclusão?
- O que dizer para alguém que se vê sendo consumido por um câncer ou outra doença grave e se questiona pela permissão ou vontade divina?
- Como entender o poder de Deus e seus milagres quando as pessoas pensam o divino beneficiando a alguns e não a outros a partir de uma vontade obscura?*

Uma análise da experiência de Asafe

Salmo 73

A questão do sofrimento/angústia provocados pela "prosperidade/felicidade dos ímpios" e o aparente silêncio de Deus para com "os limpos de coração".



" O Grito" - Edvard Munch, 1893

A experiência de Asafe - Salmo 73

Alguns elementos de análise/interpretação deste Salmo:

-“Meditação sapiencial”: discussão do problema da retribuição , com paralelos em Jó e Eclesiastes e outros salmos (ver 37).

-Composição (simplificação da complexidade do problema que se debate)

vs. 1 – introdução programática

vs. 2-12 – vida feliz dos maus

vs. 13-16 – vida desgraçada do orante

vs. 17-22 – destino desgraçado dos maus

vs. 23-26 – destino feliz do orante

vs. 27-28 – epílogo (conclusão)

-“O peculiar deste salmo é a intensa personalização do problema sapiencial. Mais que tema de reflexão, é experiência dolorosa e pungente” (Schökel & Carniti) ([Comparar com Salmo 37](#))

Com efeito, Deus é bom para com Israel, para com os de coração limpo. Quanto a mim, porém, quase de resvalaram os pés; pouco faltou para que se desviassem os meus passos. Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos. (vs. 1 -2)

-“O livro dos Salmos dá exemplo de pessoas “comuns”, lutando freneticamente para harmonizar a crença que nutrem a respeito de Deus com o que estão experimentando no dia-a-dia” (Philip Yancey, *A Bíblia que Jesus lia*).

-Asafe fala de uma experiência particular pela qual passara. Qual a causa do seu problema? Ele não compreendia o procedimento de Deus para com ele.

-Nós, assim como os amigos de Jó (e o próprio Jó), buscamos alguma razão oculta por detrás do sofrimento. **“Por quê?”**

-A ação de Deus em relação ao homem é em parte revelada e em parte mistério (relembre da história de Jó).

Com efeito, inutilmente conservei puro o coração e lavei as mãos na inocência. Pois de contínuo sou afligido e cada manhã castigado. Se eu pensara em falar tais palavras , já aí teria traído a geração de teus filhos. Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim. (vs. 13- 16)

-Após descrever a visão dele em relação à prosperidade dos maus (vs. 4-12) e compará-la com a sua própria vida, Asafe não consegue compreender a lógica dos fatos óbvios (sofrimento do justo x prosperidade dos maus). Cai no mesmo ciclo vicioso dos amigos de Jó.

-O dia inteiro um sofrimento o atormenta, sofrimento que só pode imaginar ser castigo de Deus. Para quê? *Sua fé não sabe responder a esta pergunta.* Mas para que serve uma fé que falha no momento da crise decisiva?

-Essa foi uma dúvida real do salmista. Quase desistiu da relação pessoal com Deus. O que o reteve? *A fidelidade para com a comunidade dos fiéis*

- "...onde está Deus? [...] volte-se para Ele, quando estiver em grande necessidade, quando toda outra forma de amparo for inútil, e o que encontrará? Uma porta fechada na sua cara."

C.S. Lewis, *A anatomia de uma dor*

- "O grito [de lamento] ocorre em um contexto em que ainda há uma fé duradoura e um louvor contínuo, pois no Cristo ressurreto temos a palavra e a ação de Deus mostrando que ele será vitorioso na luta contra tudo o que frustra seus desejos. [...] Se o lamento é realmente um componente legítimo da vida cristã, então a soberania divina não deve ser entendida como tudo acontecendo exatamente como Deus quer que aconteça, ou acontecendo de tal forma que considera o que ele não gosta como uma troca aceitável pelo bem alcançado. A soberania divina consiste na vitória de Deus contra tudo o que destoa da vontade de Deus."

Nicholas Wolterstorff,
citado por Christopher J.H. Wright, *O Deus que eu não entendo*

“O mal, e não o bem, parece estar vencendo. Mas a Bíblia nos conclama a ver além da insensível realidade da história, a ter a visão de toda a eternidade, quando o domínio de Deus encherá a terra com a luz e a verdade”

Philip Yancey, *Decepcionado com Deus*

Até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles. (vs. 17)

- Mas a resposta ao problema sapiencial não é sapiencial: é resposta de contemplação.
- Asafe esforça-se para encontrar a solução por força de indagar e refletir (paralelo em Eclesiastes “eu meditava para entender”) ; e fracassa!
- O “fracasso” permite ao autor abrir a visão nova.
- “Quando na oração o homem declara-se vencido, Deus lhe desvenda os olhos; ou abre suas portas. Soergue-o para olhar em nova perspectiva mais alta e de mais alcance” (Schökel & Carniti).
- Este salmo, mais do que nos dar razões intelectuais para responder a questão, ele nos conduz à oração como resposta.

“O conhecimento é passivo, intelectual; o sofrimento é ativo, pessoal. Nenhuma resposta intelectual solucionará o sofrimento. Talvez seja por isso que Deus enviou seu próprio Filho como uma das respostas à dor humana, para experimentá-la e absorvê-la dentro de si. A Encarnação não “solucionou” o sofrimento humano [*no tempo presente*], mas pelo menos foi uma resposta ativa e pessoal. No sentido mais verdadeiro, palavra alguma é capaz de falar mais audivelmente do que o Verbo”.

Philip Yancey, *Decepcionado com Deus*.

Quando o coração se me amargou e as entranhas se me comoveram, eu estava embrutecido e ignorante; era como um irracional à tua presença. (vs. 21-22)

-Quando Asafe encontra a solução da primeira parte do problema (sair do ciclo vicioso do foco na lógica da retribuição), o autor reflete retrospectivamente sobre sua própria reflexão: como se a revelação e a contemplação conferissem uma racionalidade nova e superior.

-Paulo expressa isso em 1Co 2: 12-15, como a ação do Espírito Santo em nós

-1Co 15:19 "Se nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens"

-Fp 4:11-13 "...porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação... sei estar humilhado como também ser honrado... circunstâncias de abundância e escassez; tudo posso naquele que me fortalece."

Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com teu conselho e depois me recebes na glória. Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e minha herança para sempre. (vs. 23-26)

-Asafe (assim como Jó) não descobrem uma teoria ou informação de sucesso, uma resposta intelectual ao seu problema, mas ("*todavia*") uma presença pessoal, que satisfaz tanto no céu (visão futura) quanto na terra (presente).

-“O de menos é o que o outro nos ensinou, o de mais é sentir perto o outro” (Schökel & Carniti).

-Fl 3:7-9 “O que para mim era ganho, considere, por Cristo, perda. Mais ainda, considero tudo perda comparado com o superior conhecimento de Cristo Jesus meu Senhor, pelo qual dou tudo por perdido e considero lixo contando que me ganhe Cristo e fique unido a ele”.

Os que se afastam de ti, eis que perecem; tu destrói todos os que são infiéis para contigo. Quanto a mim, bom é estar junto a Deus; no Senhor Deus ponho o meu refúgio, para proclamar todos os seus feitos. (vs. 27-28)

- O encontro com Deus fez com que Asafe reavaliasse sua visão do caráter do próprio Deus e ampliasse sua visão da realidade (degradada) do ser humano (incluindo a si próprio).
- Ele não se cala diante da injustiça, continua indignado (vejam os salmos seguintes, do 74 até o 83), porém sua visão não é mais focada na “prosperidade temporária” dos injustos e nem na auto-piedade, lamentação e inveja.
- O salmo termina com a disposição de proclamar os feitos de Deus. É o que ele faz nos salmos seguintes.

“Acima de tudo o que Deus dá a bons e a maus, do que às vezes tira a bons e maus, acima de tudo isso, reserva algo para os bons... O que lhes reserva? A si mesmo”

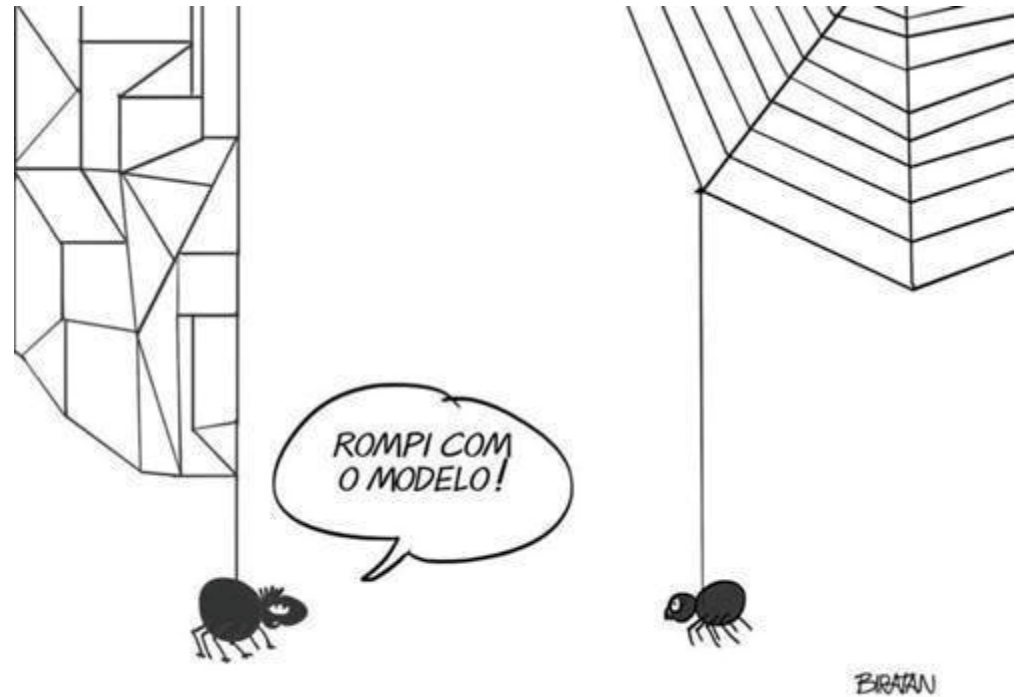
Agostinho

Para que serve Deus?

O problema do sofrimento

“... pois nos parece que se muita coisa tem sentido disso não decorre que tudo tenha sentido, *e sempre restará algo de irracional na dor e no mal.*”

Paulo Roberto Gomes



Duas perspectivas:

- A visão do sujeito sofredor (primeira aula)
- A visão "do outro sofredor": como encaramos frente o sofrimento pessoal e coletivo do(s) outro(s) (segunda aula)

- Deus é injusto?
- Por que Deus não explica?
- Deus está calado?
- Por que Deus não intervém?
- Deus está escondido?
- Se Deus pode, por que não o faz?

"Como harmonizar, no contexto da mentalidade moderna, a afirmação de um Deus bom e todo-poderoso com a realidade do sofrimento e do mal, salvaguardando a autonomia do ser humano e do mundo?"

Abordagem a partir do livro "O Deus im-potente – o sofrimento e o mal em confronto com a Cruz". Paulo Roberto Gomes

Nunca valorizamos suficientemente o sofrimento do mundo. Parece que a história progride através da dor, no conflito de interesses, de classes, de raças, de indivíduos e povos.



De um lado, encontramos *o sofrimento, o mal e a morte pertencentes à vida*. Vamos morrendo lentamente, desgastando-nos, gastando nossas energias vitais, consumindo-nos a cada minuto.

De outro, encontramos *o sofrimento, o mal e a morte infligidos e impostos* [pela injustiça].



- Presente nos mais diversos livros, a tradição do “servo sofredor” é abordada pelo profeta Isaías, que o apresenta como o ser humano mais desfigurado pela dor e atormentado inocentemente, a ponto de perder seus traços humanos.
- Sua dor parece ser infligida pelas pessoas e pelo próprio Deus. Acolhendo de forma propiciatória o mal e o sofrimento com aceitação sincera, parece redimir a humanidade.
- A tradição do “servo sofredor” , no entanto, levanta algumas dúvidas. Podemos simplesmente aceitar o mal imposto como infligido por Deus? Não corremos o risco, ao falar do sofrimento que redime, de justificá-lo e sacralizar uma atitude de resignação?
- O destino do justo sofredor *[reabilitado e exaltado de acordo com a “justiça divina”, entendida como um ato gracioso de Deus]* apresentado pelos textos proféticos também faz uma crítica social ao sofrimento imposto ao profeta, aos pobres e aos fracos.

“Ao falarmos do sofrimento e do mal escolhemos o “lugar” das vítimas enquanto situação existencial, social e teológica para compreender suas dores e refletir a partir do chão de suas vidas, encontrando respostas para a compreensão de nosso tema e engajando-nos numa práxis cristã. A escolha não é aleatória, mas parte do pressuposto de que precisamos nos aproximar à situação concreta dos sofredores para construirmos a reflexão teológica fiel ao Deus revelado no Antigo e Novo Testamentos”

Paulo Roberto Gomes

“O Deus im-potente – o sofrimento e o mal em confronto com a Cruz”.

“Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”.

Mt. 9:36; Mc. 6:34





O Bom samaritano – Lc. 10:25-37

- Há um ferido sangrando e exposto à morte, na beira do caminho, por causa da injustiça e da violência de alguém.
- Deus estava presente (*possivelmente animando-o interiormente – como dizemos diante do sofrimento, especialmente o do outro*).

- No entanto, sem intervir na autonomia do criado, interpela a liberdade e a autonomia do sacerdote e do levita, para que, sem romper a legalidade do mundo possam introduzir a novidade da liberdade humana movida pela consciência, pela compaixão e pela solidariedade.
- No entanto, Deus “não pode” forçar a liberdade. O sacerdote e o levita não acolhem o apelo divino.
- Só o samaritano se compadece. Nesse momento, Deus pode realmente salvar o ferido. O samaritano passa a ser a mão divina: sem ela, Deus “nada” poderia fazer.
- A ação humana nasceu do apelo divino dEle recebeu seu ser, força e inspiração para agir.
- Daí decorre que: *“...o ferido, se tiver fé, poderá dar graças a Deus, que mediante o samaritano o salvou, e ao samaritano que, acolhendo a solicitude de Deus, o curou e protegeu”*.



- Somos co-criadores com Deus, mediadores indispensáveis de sua ação no mundo: “boca de Deus” (Jr. 15:9), enquanto pessoas que acolhem sua graça e se deixam guiar e converter-se por Ele, suas mãos, seu rosto, amor ativo e encarnação concreta de sua presença salvífica.
- [A graça de] Deus acontece de forma profunda e intensa toda vez que alguém acode e ajuda o outro. [A graça de] Deus acontece no amor ao necessitado, põe-se em seu lugar, identifica-se com ele.

“Na parábola, percebemos que o pobre não pode ser objeto passivo de nossa caridade, mas sujeito que nos oferta Deus e a possibilidade de realizarmos nossa verdade de sermos irmãos. O ferido, caído pelo caminho, faz acessível ao samaritano o Deus Pai de todos, rompe sua indiferença, dando-lhe ocasião de sair de seu isolamento egoísta de ‘fazer-se próximo’. Em última instância, o ferido oferece possibilidade de salvação a quem o ajuda. Aproximar-se do outro, percebendo que nosso Deus não intervém, mas age mediante nossa liberdade, destrói a caricatura de amor como atitude fria, formal e calculável que espera Deus solucionar os problemas sem nossa participação. Só a compaixão e a solidariedade revelam ser possível amar esta pessoa diante de mim, para poder amar a Deus, cujo amor ao próximo inclui a Deus e vice-versa”.



- O teólogo **André Torres Queiruga** nos lembra que:

“...Deus não estava aguardando no Templo, como pensavam o sacerdote e o levita, mas estirado à beira do caminho suscitava a urgência de usar todos os meios necessários para o amor se tornar possibilidade histórica. Precisamos lembrar que “se chegar” aos irmãos passa por caminhos de mudanças estruturais, trabalho político para conseguir melhor distribuição do pão, justiça e liberdade.

Os feridos pelos caminhos constituem atualmente dois terços da humanidade nos países de Terceiro Mundo, não bastando simplesmente o azeite e o vinagre do samaritano para curá-los. Salientar esta realidade se constitui em algo de suma importância, para que não continuemos [orando] e exercendo algumas práticas piedosas, pensando que Deus intervirá em algum momento pontual da história, enquanto levamos nossa vida tranquilamente.”



“Se você está à procura de uma religião que o deixe confortável, definitivamente eu não lhe aconselharia o cristianismo”

C. S. Lewis



As respostas fáceis diante do sofrimento

Nada mais natural do que quando somos abatidos pela dor, pelo mal e pelo sofrimento que busquemos o porquê e o seu sentido. Outra coisa é quando endereçamos a Deus as seguintes perguntas: por que Deus me mandou ou permitiu esse sofrimento? Por que não me livra da dor e do mal, se em sua onipotência pode tudo?

Algumas respostas a respeito do sofrimento são tentativas de consolo para nós e para aqueles que padecem bem próximos, mas ao mesmo tempo fonte de angústias, revoltas e amarguras contra o próprio Deus.

- O sofrimento como derrota do orgulho humano;
- O sofrimento como provação e permissão de Deus;
- O sofrimento como castigo ou retribuição;
- O sofrimento como destino ou fatalidade;
- O sofrimento como um bem.



*DE UMA IDEIA DE PETER KREFT. <http://blog.veritatis.com.br>

“... as respostas normalmente dadas por nosso povo diante do sofrimento e do mal, frutos da catequese e da pastoral recebidas, trazem subjacentes certas imagens divinas tremendamente prejudiciais a própria fé”.

“... as respostas cristãs presentes na linguagem comum são imediatas, fáceis e repetidas sem nenhuma crítica e percepção das concepções divinas subjacentes. [...] devemos desconfiar das respostas muito fáceis que acabam legitimando o próprio mal e o sofrimento”.

“Sabemos que nossas imagens divinas não são inocentes. Por isso Feuerbach falava das projeções humanas em Deus; Marx, da religião construída por nós; Nietzsche, do Deus morto enterrado nas igrejas como tumbas; Freud, dos sacrifícios apaziguadores da culpa diante do pai divinizado, e tantos outros afirmaram a inutilidade da hipótese da existência de um ser superior e o ateísmo como humanismo”.

- O Deus sádico e amante do sofrimento;
- A religião do medo;
- A religião do útil;
- A religião infantil;

O sofrimento e o mal em confronto com a Cruz



“Ao se tornar humano, o Verbo se coloca em uma situação de fragilidade e vulnerabilidade, agravadas pelo amor. Todos aqueles que amam se tornam vulneráveis, podem ser feridos e se decepcionar. Deus sendo ‘Deus em nós’, também sofre por nos levar tão a sério. Sofre com nossas ações e pode ser ferido por elas, criando porém comunhão conosco, ajudando-nos a tornarmo-nos libertos [...] da perda do significado da vida ou da perda de sentido e da ausência de Deus ”.

- Só encontramos resposta para o sofrimento, no nível cristológico e escatológico, na centralidade do Reino. Neste contexto, o sofrimento de Cristo oferece dignidade para os nossos sofrimentos, ao nos revelar a primazia do amor que se faz serviço solidário.
- Em sua quenose, Cristo passa a ser considerado um homem de dores e libertador de toda lágrima.



O sofrimento e o mal em confronto com a Cruz

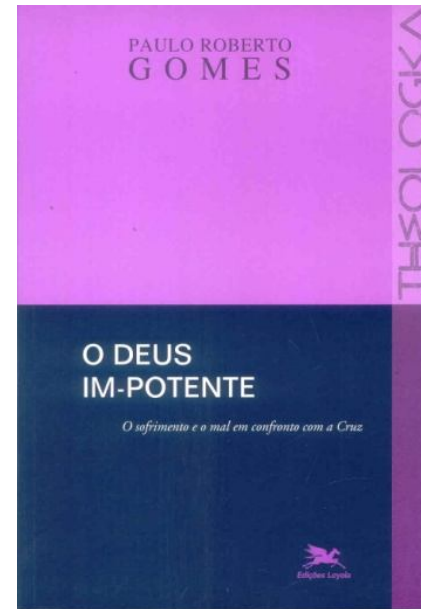
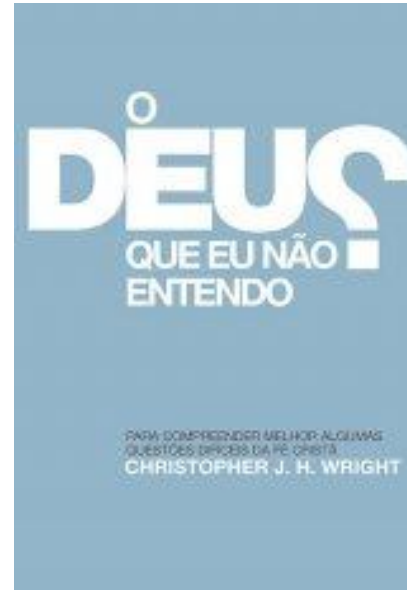
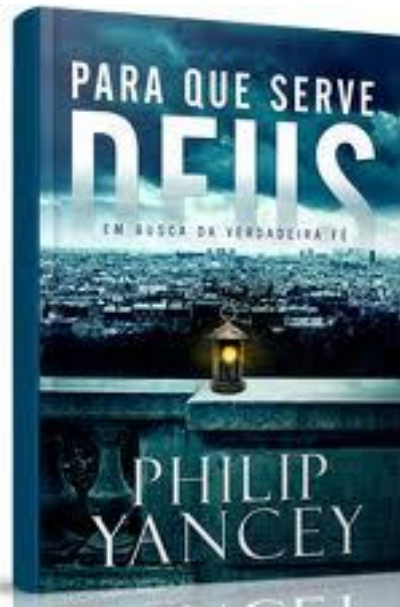
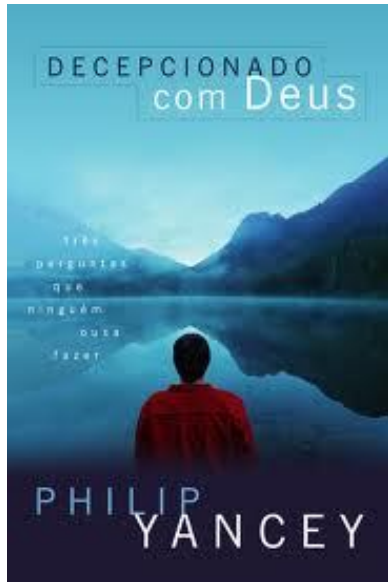
- Cristo não assume a dor de forma estóica, mas, pelo contrário, frequenta festas (Mt 2:19), fala de Deus como experiência gozosa (Lc 10:21, 12:32), desenvolve a alegria do perdão (Lc 5:20, 7:48);
- Cristo não atribui o sofrimento como culpa dos que sofrem (Jo 9:3, Lc 13:1), mas propõe a dor como fonte de fecundidade ao assumir a vida e o seguimento (Jo 12:23; Mc 8:33)
- Pouco a pouco, Jesus vai revelando que a autonomia da história e das realidades criadas exclui o Deus-solução, o Deus-remédio, o Deus-resposta, mas não exclui, e a quem se aponta, o **Deus companheiro**, capacitando o ser humano para assumir sua autonomia .



O sofrimento e o mal em confronto com a Cruz

“Eu acredito no Cristianismo como acredito no brilho do sol, não simplesmente porque eu o veja, mas porque, através dele, posso ver todas as outras coisas”

C. S. Lewis



“...onde está Deus? [...] volte-se para Ele, quando estiver em grande necessidade, quando toda outra forma de amparo for inútil, e o que encontrará? Uma porta fechada na sua cara.”

“Aos poucos passei a sentir que a porta não está mais fechada e aferrolhada. Será que foi minha necessidade frenética que a fechou na minha cara? Quando nada há em sua alma exceto um grito de socorro talvez seja o exato momento em que Deus não o pode atender: você é como o homem que se afoga e que não pode ser ajudado por tanto se debater. É possível que seus gritos repetidos o deixem surdo à voz que você esperava ouvir.”

Deus sussurra em nossos ouvidos por meio de nosso prazer, fala-nos mediante nossa consciência, mas clama em alta voz por intermédio de nossa dor; este é seu megafone para despertar o homem surdo.”

(C. S. Lewis)